

ADIMB

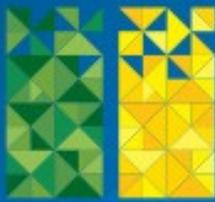
**Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro**

Clipping n° 17/2022

**O conteúdo das matérias é de inteira
responsabilidade
dos meios de origem.**

08 de junho de 2022

PDAC 2022



BRASIL
WORLD CLASS EXPLORATION OPPORTUNITIES

BRAZILIAN MINING DAY 2022

JUNE 13, 2022 (Monday) - 2:30pm – 5:30pm
Toronto Stock Exchange – TSX

JUNE 14, 2022 (Tuesday) - 12:00pm – 3:00pm
Metro Toronto Convention Centre - South Building - Room 716

A programação do PDAC já está disponível no site da ADIMB!
Acesse o link: <https://www.adimb.org.br/brasilpdac/>

Brasil apresenta no Canadá oportunidades de negócios

A Convenção Anual da Prospectors and Developers Association of Canadá – PDAC (www.pdac.ca/convention) em Toronto, no Canadá, que acontece de forma presencial, de 13 a 15 de junho, é um dos mais importantes eventos internacionais da pesquisa mineral e mineração. O PDAC reúne cerca de 130 países, entre eles, o Brasil e mais de 20 mil profissionais, que juntos debatem perspectivas globais do setor, além de servir como uma plataforma para negociações de projetos minerais e captação de investimentos.

Este ano, o Brasil estará presente no PDAC novamente como “Mining Country Sponsor” do evento e com uma delegação composta de aproximadamente 80 profissionais de empresas privadas, órgãos governamentais e entidades representativas do setor mineral, sob a coordenação da Agência para o Desenvolvimento e Inovação do Setor Mineral Brasileiro (ADIMB).

“O PDAC desse ano é cheio de muito expectativa. A ADIMB trabalhou forte para viabilizar a participação do Brasil no evento. É importante ressaltar apoio que tivemos do Ministério de Mina Energia, da CPRM e ANN para que pudéssemos organizar a participação do Brasil no evento. Este ano estamos dando prosseguimento a nossa parceria estratégica com a Câmara de Comércio Brasil Canadá”, destaca Marcos André Gomes Veiga Gonçalves, presidente do Conselho Superior da ADIMB.

Marcos André explica que a participação do Brasil no evento terá como ápice o Brazilian Mining Day, que será realizado em dois momentos: no dia 13 de junho na TSX, Bolsa de Toronto e, em seguida, no dia 14 de junho, no Metro Center Toronto Convention Centre, onde acontece o PDAC.

“No dia 13 teremos apresentações e bate papo sobre exemplos de sucesso, além de um panorama sobre projetos de prospecção mineral no Brasil. “Vamos tratar de temas relevantes para a mineração no Brasil, como sustentabilidade, financiamentos de projetos, avanços regulatórios”, adianta Marcos André.

O executivo conta ainda que a segunda parte do Brazilian Mining Day, no dia 14 de junho durante o PDAC, terá painéis onde serão apresentados oportunidades e desafios para investimentos em projetos de mineração no país. “É uma excelente oportunidade de escutar quais são as dificuldades e lições apreendidas. Vamos fechar o dia com uma fala do presidente do Comitê de Mineração da Confederação Nacional da Indústria, Sandro Mabel. É uma sinalização forte a CNI demonstrar interesse no setor, fazendo questão de estar presente num evento como esse que tem importância impar para o setor mineral Brasileiro”, avalia.

O diretor- executivo da ADIMB, Roberto Xavier, explica que as atividades organizadas pela ADIMB em colaboração com a Câmara de Comércio Brasil Canadá (BCCC) irão demonstrar aos participantes e investidores internacionais presentes na PDAC, o potencial econômico e infraestrutura para o desenvolvimento sustentável de projetos de pesquisa mineral e mineração no Brasil.

“Brazilian Mining Day vai posicionar o Brasil em temas relacionados a minerais estratégicos na transição energética global, assim como mostrará uma série de projetos em diferentes fases de desenvolvimento em províncias minerais emergentes do Brasil. Além disso, haverá temas que abordarão os desafios e oportunidades de captação de investimentos em projetos minerais sustentáveis no país, com suporte nos avanços regulatórios e forte base de dados geológicos, com a participação ativa do governo, incluindo SGM/MME, ANM, BNDES e Serviço Geológico do Brasil”, comenta Roberto Xavier.

Brazil Pavilion - Xavier destaca ainda que o Brasil, terá seu tradicional estande no Trade Show do PDAC. “O estande, com 90 m2, será um espaço de referência que vai proporcionar aos representantes governamentais e empresariais uma excelente infraestrutura de apoio para contatos comerciais e realização de negócios”, afirma.

Brazilian Mining Day (BMD) visa proporcionar um cenário econômico e de infraestrutura abrangente que, aliado a exemplos de sucesso de grandes empresas e junior companies em ambientes geológicos diversificados, possam promover o Brasil como um dos principais destinos de investimentos em pesquisa mineral e mineração. A participação brasileira é uma iniciativa conjunta das principais associações da indústria mineral do Brasil, Governo Federal e empresas privadas para promover o setor mineral brasileiro durante o PDAC 2022.

A agenda do Brasil durante o PDAC 2022 está sob coordenação da Agência de Desenvolvimento e Inovação do Setor Mineral Brasileiro (ADIMB), com apoio do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), da Associação Brasileira de Pesquisa Mineral e Mineração (ABPM) e a Câmara de Comércio Brasil – Canadá (BCCC – Toronto).

Confira a programação completa do Brazilian Mining Day
<https://www.adimb.org.br/brasilpdac/>

Fonte: Minera Brasil

Data: 07/06/2022

Planos para mineração no espaço já existem, mas não será nada simples

Assim como a Terra, corpos planetários como a Lua, Marte, asteroides e cometas contêm depósitos substanciais de recursos valiosos. Isso chamou a atenção tanto de pesquisadores quanto da indústria, na esperança de algum dia minerá-los como forma de apoio a uma economia espacial. Mas a criação de qualquer tipo de indústria de mineração fora da Terra não será fácil. Vamos olhar para o que enfrentamos.

Utilização local de recursos

Quando se pensa em mineração fora da Terra, você poderia imaginar a extração de materiais de vários corpos no espaço e trazê-los para a Terra. Mas é improvável que este seja o primeiro exemplo comercialmente viável.

Se quisermos estabelecer uma presença humana permanente na Lua, como propõe a Nasa (Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço dos EUA), precisaríamos reabastecer os astronautas vivendo ali. Recursos como água só podem ser reciclados até certo ponto.

Ao mesmo tempo, recursos são extremamente caros para serem lançados da Terra. Em 2018, custava cerca de US\$ 2.560 para lançamento de um quilo de material em órbita baixa da Terra, e mais para lançá-lo mais alto ou até a Lua. O mais provável é que materiais minerados no espaço sejam usados no espaço, para ajudar a economizar esses custos.

A coleta de materiais necessários no local é chamada de "utilização de recursos 'in situ' (no local)". Pode envolver qualquer coisa, de mineração de gelo a coleta de solo para construção de estruturas. A Nasa está atualmente explorando a possibilidade de construção de prédios na Lua com impressoras 3D.

A mineração no espaço também poderia transformar a gestão de satélites. A prática atual é retirar de órbita satélites após 10 a 20 anos, quando o combustível deles se esgota. Um objetivo elevado de empresas espaciais como a Orbit Fab é projetar um tipo de satélite que possa ser reabastecido usando propelentes coletados no espaço.

Até mesmo para satélites em órbita baixa da Terra, a energia necessária para se chegar a eles a partir da Lua é menor do que a necessária para se chegar a eles a partir da Terra.

Que recursos estão disponíveis lá fora?

Quando se trata de oportunidades de mineração fora da Terra, há poucos recursos que são tanto abundantes quanto valiosos. Alguns asteroides contêm vastas quantidades de ferro, níquel, ouro e metais do grupo da platina, que podem ser usados para construção e eletrônicos.

O regolito (rocha e solo) lunar contém hélio-3, que pode se tornar um recurso valioso no futuro caso a fusão nuclear se torne viável e disseminada. A empresa britânica Metalysis desenvolveu um processo que poderia extrair oxigênio a partir do regolito lunar.

Há uma expectativa de existência de gelo na superfície da Lua, nas crateras permanentemente sob sombras próximas de seus polos. Também pensamos que há gelo abaixo da superfície de Marte, em asteroides e cometas. Isso poderia ser usado para sustentar vida ou para ser decomposta em oxigênio e hidrogênio, então usados como propelente.

Como realizaríamos a mineração no espaço?

Minha tese (do Michael) de Ph.D. envolveu o teste de como as técnicas de exploração funcionariam na Lua e em Marte. Nosso outro trabalho incluiu modelos econômicos para mineração de gelo em Marte e modelos por computador sobre a estabilidade de túneis na Lua.

Algumas propostas para mineração fora da Terra são semelhantes à mineração na Terra. Por exemplo, poderíamos minerar o regolito lunar com uma escavadeira de roda de caçamba ou minerar um asteroide usando uma máquina perfuradora de túnel.

Outras propostas são menos familiares, como o uso de uma máquina semelhante a um aspirador para puxar o regolito por um tubo (que é usada de forma limitada em escavação na Terra).

Pesquisadores da Universidade de Nova Gales do Sul (UNSW, na sigla em inglês) e da Universidade Nacional da Austrália propõem o uso de biomineração. Nesse processo, bactérias introduzidas em um asteroide consumiriam certos materiais e produziriam gás, que poderia então ser coletado por uma sonda.

Fonte: Uol

Data: 05/06/2022

Ministério entrega prêmio a municípios que têm atividade de mineração

O Ministério de Minas e Energia (MME) realizou hoje (7) a entrega do Prêmio Municípios Mineradores 2022 destinado a municípios que têm atividades de mineração em seus territórios e se destacaram em áreas como educação, saúde, finanças e gestão pública. Esta foi a primeira edição da iniciativa, realizada em parceria com o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

Foram 24 municípios finalistas e oito premiados nas categorias saúde, educação, proteção social, infraestrutura, meio ambiente, gestão, finanças públicas e desenvolvimento econômico. Os vencedores receberam um troféu e um selo de reconhecimento de qualidade de governança pública em municípios que contam com atividades de mineração.

Participaram da premiação os municípios com índices de arrecadação do imposto pago pela atividade de mineração, a Compensação Financeira Pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), iguais ou maiores a 5% da sua receita em 2021.

De acordo com o secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia, Pedro Paulo Mesquita, a intenção do prêmio é reconhecer boas práticas de governança pública nos municípios que tenham impacto na qualidade de vida da população.

"O prêmio foi idealizado para impulsionar os municípios onde a mineração possui uma presença relevante a adotarem política e ações qualificadas para a promoção de desenvolvimento, oportunidades de emprego e renda, melhores condições de vida, serviços de saúde, educação e bem-estar dos seus cidadãos, tendo a mineração como grande vetor de desenvolvimento", disse.

Na avaliação do diretor-presidente do Ibram, Raul Jugmann, a iniciativa é um esforço ético e moral do segmento e busca firmar um compromisso da mineração com o futuro do país e a questão ambiental.

"É um prêmio que premia no presente o que vamos ou não ter daqui para frente. Porque, sem qualquer sombra de dúvida, ou o futuro será sustentável e evoluiremos para uma economia de baixo carbono ou então não iremos adiante", afirmou.

O ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida, disse que a temática terá sua agenda fortalecida, visando maior segurança jurídica e para atrair investimentos do setor privado.

"O prêmio é um exemplo de que mineração e sustentabilidade ambiental andam juntas. Essa é uma agenda que irei fortalecer nesse ministério", disse.

As cidades vencedoras nas diferentes categorias: Saúde - Canaã dos Carajás (PA); Educação - Alto Horizonte (GO); Proteção Social - São Gonçalo do Rio Abaixo (MG); Meio Ambiente - São Gonçalo do Rio Abaixo (MG); Infraestrutura - Canaã dos Carajás (PA); Gestão pública - Itabira (MG); Crescimento Econômico - Catas Altas (MG); Finanças públicas - Ouvidor (GO).

Fonte: Agência Brasil

Data: 07/06/2022



Mineração sustentável e ecologicamente consciente

Responsável pela criação de inúmeros empregos diretos e indiretos e pela interiorização do desenvolvimento do país, a mineração na atualidade tem buscado nas inovações tecnológicas, o comprometimento com a preservação do meio ambiente e constante preocupação com as gerações futuras, otimizando os recursos e promovendo a sustentabilidade.

No Dia Mundial do Meio Ambiente, celebrado em 05 de junho, o setor da mineração reafirma o engajamento com as melhores práticas e não só isso, demonstra através de atitudes concretas que a mineração pode ser sustentável e ecologicamente consciente.

Prova disso são os exemplos de onze empreendimentos da mineração brasileira escolhidos por entidades representativas para apresentarem seus resultados no seminário Mapeando os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) na Mineração Brasileira 2022, promovido pelo Ministério de Minas e Energia (MME), em Brasília (DF), na última semana de maio.

Dentre os participantes do setor minerário com boas práticas, duas eram cooperativas de garimpeiros – a COOGAMAI, do Rio Grande do Sul e a COOGAVEPE, de Mato Grosso - que apresentaram ações desenvolvidas no âmbito da legalização dos garimpos, através de permissões de lavra garimpeira, contribuição para a redução de acidentes de trabalho, diversificação econômica da região, além de recuperação de áreas, que uma vez revitalizadas, podem servir para práticas agrícolas, pecuária ou comerciais, como os exemplos turísticos na cidade de Ametista do Sul.

A implementação de placas solares nas minas também contribui para gerar energias limpas e renováveis e são muito utilizadas pelo setor atualmente, bem como a conscientização da reciclagem de peças e equipamentos de garimpo.

Ainda citando as boas práticas do setor que não afetam o meio ambiente, precisamos lembrar do reflorestamento de áreas lavradas, o trabalho da piscicultura e projetos sociais que atendem as comunidades locais, tudo promovido com clareza e responsabilidade.

Voltando nossos olhos para a mineração artesanal, de pequeno e médio porte da baixada cuiabana, região rica em minérios, em especial a aurífera, é possível perceber o uso consciente do mercúrio, automatização das minas e consequente empregabilidade pautada nas leis trabalhistas.

Inclusive, essas boas práticas das minas da baixada cuiabana estão chamando a atenção de entidades internacionais, como do governo da Confederação Suíça, que através da iniciativa Ouro Responsável, bonifica a mineração artesanal e de pequeno e médio porte.

Esses exemplos validam que a mineração sustentável é real e capaz de conciliar as necessidades socioeconômicas, de segurança e proteção ambiental por meio de gestão adequada de resíduos, amparada na fiscalização e no aumento da comercialização com nota fiscal.

Fonte: Olhar agro & negócios

Data: 07/06/2022



TSX lança índice de metais para baterias

A Bolsa de Valores de Toronto, do Canadá, (TSX) lançou em 7 de junho, um índice de metais de bateria para apoiar o setor de minerais críticos e oferecer insights sobre a transição energética. O S&P/TSX Battery Metals Index rastreará empresas listadas no Canadá envolvidas na produção e exploração de metais usados na fabricação de baterias que alimentam carros elétricos ou são usadas em energia renovável, incluindo cobre, níquel, cobalto e lítio. “A demanda global por metais para baterias continua a ganhar força e o objetivo desta nova referência é fornecer aos investidores maior exposição e insights mais profundos sobre a história da tecnologia limpa e da transição energética”, disse Loui Anastasopoulos, executivo-chefe da Bolsa de Valores de Toronto, em a declaração.

As cinco principais empresas constituintes do novo benchmark são Turquoise Hill Resources (TSX: TRQ), Teck Resources (TSX: TECK.B), Sierra Metals (TSX: SMT), First Quantum Minerals (TSX: FM) e Lundin Mining (TSX: LUN). Além destas, a Ero Copper (TSX: ERO), Hudbay Minerals (TSX: HBM), China Gold International (TSX: CGG), Copper Mountain Mining (TSX: CMMC) e Taseko Mines (TSX: TKO) são rastreadas pela TSX.

Em 2021, as empresas focadas em minerais críticos e de bateria responderam por mais de 25% do capital total levantado pelo setor de mineração na TSX e TSX-V, disse a bolsa. O governo canadense, em seu último orçamento nacional, reservou C\$ 3,8 bilhões (cerca de US\$ 3 bilhões) para minerais críticos, considerados elementos fundamentais para atingir a meta do país de atingir zero líquido até 2050.

Como parte dessa estratégia, o Natural Resources Canada (NRCan) está concedendo quase C\$ 11 milhões (US\$ 8,6 milhões) para empresas que vencerem uma chamada de propostas para construir plantas-piloto locais de processamento dos minerais críticos.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 07/06/2022



Estratégias para a descarbonização

Segundo um estudo realizado pela consultoria McKinsey, a mineração responde por cerca de 7% das emissões diretas globais de Gases de Efeito Estufa (GEE). Se consideradas as emissões indiretas, a estimativa sobe para 28%. Em outro estudo, a Organização das Nações Unidas (ONU) indica que a mineração causa cerca de 10% das emissões antropogênicas, que aumentam o risco de calor extremo no planeta.

Não é sem razão, assim, que o relatório Business Risks and Opportunities facing M&M companies, da Ernest & Young, considera que os dois principais riscos para a mineração, em 2022, são os ambientais e sociais, enquanto as principais oportunidades estão na descarbonização. Para a consultoria, um bom desempenho em meio ambiente, social e em descarbonização provavelmente levará a um melhor acesso ao capital, bem como uma licença de operação mais robusta.

É certo que tecnologias mais sustentáveis para a redução ou mesmo a neutralização das emissões de GEE são mais facilmente incorporadas a projetos greenfield. Mas operações minerais já consolidadas e com vida útil de médio e longo prazo, para diluição dos investimentos necessários – que não são de baixo montante –, podem evoluir na atualização de seus ativos, processos e instalações, realizando uma transição segura matrizes energéticas renováveis.

O uso de energia solar, a otimização da logística interna de transporte, a eletrificação de frotas e a adoção de biocombustíveis estão entre as iniciativas destacadas pela Aura Minerals, CBA e Nexa em direção ao propósito de reduzir as emissões de GEE, tornando suas operações mais descarbonizadas.



Projeto de energia solar na Mineração Aipoena

Energia solar

A produtora de ouro Aura Minerals investiu R\$ 130 mil no projeto de melhoria e expansão do sistema de geração de energia solar na Mineração Apoena, em Pontes e Lacerda (MT). A instalação substituiu os geradores a diesel usados na torre de telecomunicação da empresa. Em 2020, a diretoria da companhia já havia aprovado um projeto piloto para a instalação de painéis solares na área administrativa da Apoena, com 565 kWp (quilowatt-pico) de capacidade total de geração. O empreendimento foi implementado em 2021, gerando 70.156 kWh de energia e eliminando a emissão de 20,7 t/mês de CO₂.

Hoje, a maior parte das emissões da Aura é composta pelos gases CO₂ – dióxido de carbono (95%) e N₂O – óxido nitroso (2,5%). O uso de diesel é responsável por 45% das emissões, concentrado principalmente das atividades de carregamento e transporte de minério e de perfuração. Na sequência estão a energia elétrica (37%) e o uso de cimentos para a operação de backfill nas minas subterrâneas, considerado como emissão de escopo 3.

Paula Choinski, gerente de Inovação e ESG da Aura, diz que a companhia tem como meta de curto prazo reduzir 5% das emissões absolutas nas operações ativas até 2023. “Para isso definimos quatro linhas de ação: o treinamento de operadores, que pode reduzir em 3% o consumo de combustível nos equipamentos; a otimização da frota, desde a gestão das rotas de transporte interno nas minas até a gestão do tempo de uso de máquina; a adoção de uma frota leve elétrica; e a automação de bombas e ventiladores das minas. Os processos serão adotados nas operações a céu aberto e subterrâneas da Aura.

“Essa estratégia considera o custo/ benefício, com base na marginal abatement curve. Ou seja, comparamos o custo/benefício de diversas iniciativas, avaliando o potencial de redução de emissões de cada uma com os custos para sua implementação e operação. Com base nessa análise, optamos por definir um compromisso de curto prazo, elegendo medidas que geram benefícios com baixo investimento. Maiores investimentos serão estudados em breve”, justifica a gerente.

A Aura provisionou recursos de cerca de US\$ 200 mil, entre 2022 e 2023, para seus projetos de redução de emissões. Para Paula, há dois desafios principais no cumprimento de metas com esse objetivo. A primeira delas é a priorização de investimentos em ESG – que nem sempre trazem um retorno financeiro claro -, em detrimento de investimentos operacionais. O segundo, na área de ESG como um todo, é a priorização do investimento para iniciativas de sustentabilidade, visto que há várias demandas a serem atendidas também nas áreas social, ambiental e de governança.

Vapor de biomassa

A Companhia Brasileira de Alumínio – CBA já registra resultados positivos na redução de emissões de CO₂e (dióxido de carbono equivalente) em seu processo de eletrólise desde 2019. Nesse ano, foram emitidas 2,56 tCO₂e para cada tonelada de óxido de alumínio líquido produzido, de acordo com os escopos 1 e 2 do método GHG Protocol. A média mundial é de 12 tCO₂e para cada tonelada de óxido de alumínio líquido produzido.

A empresa possui a certificação da Aluminium Stewardship Initiative (ASI) nos Padrões de Performance e de Cadeia de Custódia (CoC) em três unidades de mineração de bauxita de Minas Gerais; em todo o processo produtivo de sua planta industrial de Alumínio (SP); no escritório corporativo de São Paulo (SP); e em todos os produtos de seu portfólio. O Padrão de Performance ASI define princípios e critérios ambientais, sociais e de governança, com foco na sustentabilidade em todas as etapas da cadeia de valor do alumínio. A certificação avalia 59 critérios, incluindo as emissões de gases de efeito estufa (GEE).

Entre os projetos que possibilitaram a conquista da certificação está a substituição de duas caldeiras movidas a partir da queima de óleo ou gás natural por uma Unidade de Produção de Vapor (UPV), que utiliza biomassa – cavaco de madeira de eucalipto plantado em área de reflorestamento. Com a implementação desse projeto, em março de 2020, a refinaria de alumina da CBA foi a primeira no mundo a utilizar 100% de vapor originado de biomassa como fonte energética.

No mesmo ano em que a UPV foi instalada, a emissão de CO₂e foi de 0,31 t contra 0,55 t, em 2019, para cada tonelada de alumina produzida, uma redução de 43%. Nos dois anos, em todo caso, o volume de emissões está bem abaixo da média global de emissão de GEE para produção de alumina, de 1,21 tCO₂e. O resultado de 2020 ficou abaixo, ainda, da média de emissão na América do Norte (continente com menor emissão de GEE nesse processo), que é de 0,55 tCO₂e.

Fontes renováveis

Em 2020, as emissões de GEE (Gases de Efeito Estufa) da Nexa totalizaram 1.779.615,67 tCO₂e, 75% superiores às registradas em 2019 (1.017.744,42 tCO₂e). O aumento é atribuído à utilização da ferramenta de cálculo GHG Protocol em todas as unidades operacionais da empresa, resultando num levantamento mais detalhado das fontes de consumo de energia e das emissões de GEE.

A Nexa tem priorizado o uso de energias renováveis e uma das frentes dessa decisão são os projetos de autoprodução solar de energia elétrica em substituição à energia adquirida de terceiros no mercado livre, o que tornará a empresa 100% autossuficiente e renovável no Brasil. Soma-se a esses projetos o portfólio já consolidado de geração hidrelétrica, em empreendimentos próprios ou por meio de consórcios, que responde por 90% do consumo de energia elétrica do grupo. Dessa forma, em 2020, 98,5% da matriz energética já tinha origem em fontes renováveis.

Com relação às emissões de GEE, a Nexa vem desenvolvendo vários projetos de inovação para a redução do consumo de diesel em máquinas automotivas com a injeção de hidrogênio, a substituição de óleo combustível por bio-óleo de biomassa na produção de óxido de zinco na unidade Três Marias (MG) e a implantação da caldeira com gás de síntese de resíduos industriais em parceria com a start-up ZEG na unidade de Juiz de Fora (MG). Também nessa última cidade, outra iniciativa é a descarbonização do forno Waelz, utilizado na reciclagem de pó de aciarias elétricas, com a substituição do coque de petróleo por um biocombustível, que é o objeto de pesquisas em realização por start-ups e centros de pesquisa parceiros da Nexa.

Fonte: InTheMine

Data: 06/06/2022



Mineradora MPP chega ao Mato Grosso do Sul e fará exportação de 500 mil toneladas de minério de ferro em 2022

A chegada da mineradora MPP no estado do Mato Grosso do Sul garantirá a expansão da mineração com sustentabilidade e a empresa pretende realizar a exportação de mais de 500 mil toneladas de minério de ferro somente durante o ano de 2022.

Após a entrada da Mineração Pirâmide Participações (MPP) na mineração do estado, o estado do Mato Grosso do Sul está com ótimas perspectivas de expansão do segmento para essa terça-feira, (07/06). Isso pois a mineradora garante que realizará a exportação de mais de 500 mil toneladas de minério de ferro somente durante o ano de 2022 e que focará em expandir a produção com sustentabilidade na região.

Mato Grosso do Sul poderá exportar mais de 500 mil toneladas de minério de ferro somente em 2022 com a chegada da mineradora MPP na região

Ainda em clima de crescimento após a venda dos ativos da subsidiária da Vale em Corumbá para a J&F Investimentos Ltda, o estado do Mato Grosso do Sul agora se prepara para a chegada de mais uma mineradora. Trata-se da MPP, que chega ao estado com foco na exportação de minério de ferro e pretende trazer grandes resultados para a região ao longo do ano de 2022, com perspectivas de exportar mais de 500 mil toneladas do minério somente neste ano.

Construída há mais de 15 anos, a mineradora agora passa por uma nova fase de empreendimentos e foca na exploração de minério de ferro na região das reservas minerais do Morro do Rabicho, em Ladário, cidade vizinha a Corumbá.

Agora, a MPP está disputando com outras companhias da mineração na região os incentivos fiscais do governo do estado, mas ainda está em análise pela Semagro (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar), que estuda os benefícios do empreendimento da empresa no estado.

Dessa forma, o secretário da Semagro, Jaime Verruck, comentou sobre a relevância das reservas de minério de ferro na região, que serão exploradas pela MPP: “as jazidas do Maciço do Urucum, a terceira maior reserva de ferro e a primeira de manganês do Brasil, de alto teor de minério, fazem com que estes minerais sul-mato-grossenses tenha uma participação importante em um mercado regional e internacional, com a participação do Paraguai, Argentina, Uruguai e agora com este novo mercado que é a Europa”.

Companhia busca focar na exportação de minério de ferro com práticas atreladas à sustentabilidade para garantir mais compromisso ambiental na mineração. Toda a cadeia de exportação do minério de ferro produzido pela MPP para a Europa está sendo feita pelo porto da Granel Química, em Ladário, onde os carregamentos estão sendo acelerados para aproveitar o nível navegável do Rio Paraguai, que está com ótimos índices até o mês de setembro.

Ademais, a empresa divulgou que está com boas perspectivas de crescimento, uma vez que está explorando uma mina com volume de produção mineral de alto teor (65%) e qualidade por algumas décadas (entre 20 e 25 anos).

Além do foco na produção e na exportação do produto, o executivo Patrick Paneco, CEO e um dos novos sócios da companhia, destacou que a empresa também está comprometida com a sustentabilidade na produção. Isso pois o rejeito da matéria-prima não é depositado convencionalmente em barragens e acaba sendo destinado a outras utilizações. Dessa forma, a MPP evita o transbordamento de rejeitos e ainda consegue dar uma nova destinação para o que se tornaria lixo.

Por fim, a Samargo destacou que continua a realização das análises para os incentivos fiscais e que o secretário-executivo do Programa MS Mineral da secretaria, Eduardo Pereira, esteve em Ladário para realizar uma visita e vistoria em todo o processo de exportação do minério de ferro.

Fonte: CPG - Click Petróleo e Gás

Data: 07/06/2022

RMB promove ações de educação ambiental durante Semana do Meio Ambiente

Durante a Semana do Meio Ambiente, a mineradora RMB promoveu diversas atividades para seus colaboradores e moradores da Vila Alto Bonito, comunidade pertencente ao município de Curionópolis (PA) localizada no entorno do empreendimento de Verticalização da Produção de Manganês da empresa, em fase de licenciamento ambiental.

No dia 5 de maio, comemorou-se o Dia Mundial do Meio Ambiente, data instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1972, que busca conscientizar a população sobre a necessidade da preservação ambiental. Já a Semana Nacional do Meio Ambiente, foi criada em 1981, sendo comemorada na primeira semana de junho.

Para celebrar essas datas, a RMB organizou na quinta-feira (2/6) uma programação especial para os colaboradores. Eles foram recebidos com um café da manhã, seguido de uma palestra sobre a importância da preservação ambiental e a gestão adequada dos resíduos sólidos.

Além disso, receberam dicas para proteger o meio ambiente e descartar corretamente os resíduos. Os colaboradores também participaram de um plantio de mudas no bosque criado pela empresa ao lado do refeitório.

“Gostei muito das palestras porque recebi orientações de como descartar o lixo de forma correta”, disse Josué Carvalho Pereira, auxiliar de campo, que mora na comunidade.

Josué chegou na empresa há quatro meses e disse que a experiência está mudando sua realidade.

“Antes eu fazia bico. Agora tenho carteira assinada, férias, décimo terceiro [salário], plano de saúde e vale alimentação. Isso trouxe paz para mim e para minha família”.

Na Vila Alto Bonito, além do plantio de mudas, moradores, crianças e adolescentes participaram de palestras e debates sobre os problemas enfrentados pela comunidade, especialmente, sobre o meio ambiente. Isso porque a região vem sofrendo com o garimpo ilegal, que está açoreando o rio Sereno e devastando a paisagem da região.

“É importante ouvir os moradores porque eles convivem com esses problemas no seu dia a dia. Nosso papel é orientar e ajudar para que eles tomem consciência dessa realidade”, explicou o geólogo Carlos Junior Silva, analista ambiental da RMB, que participou das atividades na comunidade.

“Aprendi que preservar o meio ambiente é cuidar da floresta, não desmatar e não jogar lixo no chão”, disse a pequena Ana Clara, de 9 anos, que plantou um ipê rosa, que levará seu nome.

Ela e outras crianças que plantaram mudas serão as responsáveis por cuidar dessas árvores, dando assim, o ponta pé inicial ao programa de educação ambiental que RMB está desenvolvendo na comunidade.

A programação na comunidade foi organizada em parceria com a Associação dos Moradores da Vila Alto Bonito, que recentemente firmou acordo de cooperação com a mineradora para que juntos possam desenvolver ações de educação ambiental, saúde, educação e lazer para a comunidade.

A engenheira ambiental da RMB, Sara Hage, destacou o apoio da Secretaria de Meio Ambiente de Curionópolis, que fez a doação das mudas plantadas da comunidade e também no bosque da empresa.

“Nosso projeto além de trazer desenvolvimento para a região é também sustentável, porque adota as melhores práticas para preservação ambiental”.

Sara explicou ainda que a empresa está realizando uma série de estudos de água, solo, e de ruídos que fazem Estudo de Impacto Ambiental do empreendimento e que os dados coletados irão balizar ações sustentáveis do projeto.

Fonte: Minera Brasil

Data: 07/06/2022



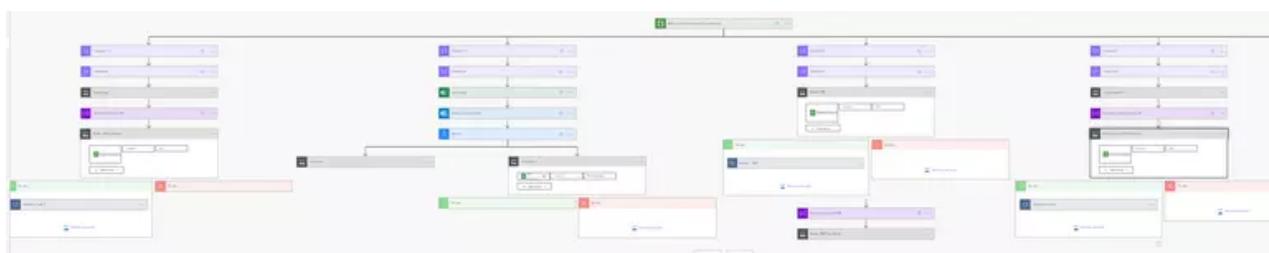
Business Intelligence e automação na Pilar Gold

O “business intelligence” ou Inteligência de negócios (BI) é um termo popular e abrangente que vem sendo usado há muito tempo, e mais recentemente, com as novas tecnologias, vem causando uma transformação significativa nas rotinas da mineração e da exploração mineral. O seu principal objetivo consiste em compartilhar informações de modo a auxiliar nas tomadas de decisões, gerar mudanças positivas, eliminar a ineficiência dos processos produtivos e se adaptar rapidamente às mudanças estratégicas das corporações.



Na exploração mineral (greenfield, brownfield), o uso da inteligência artificial e geográfica associada a automatização de processos, ferramentas Low Code, plataformas de colaboração e construção dos dashboards de monitoramento, vem trazendo agilidade nos levantamentos/inspeções de campo e nas etapas de detalhamento no galpão de sondagem, incluindo a validação dos dados de acordo as normas modernas de QA/QC.

Na Geologia de Exploração da Pilar Gold, toda a coleta de informações Geológicas é feita por tablet que contém formulários automatizados elaborados no Survey123, e que seguem fluxos de automação robótica através da interação dos serviços do Office 360 da Microsoft com o sistema ArcGIS Online.



No exemplo acima são utilizados métodos modernos de coleta de dados de sondagem, de forma mais rápida e mais eficiente que os métodos analógicos tradicionais. Além disso, são produzidos um conjunto de dados muito maiores por meio de abordagens estatísticas associadas a filtros e algoritmos que permitem identificar e comunicar dados espúrios e/ou conflitantes quase em tempo real aos geólogos de pesquisa.

Portanto, a chave para as tomadas de decisões corretas, seja na exploração mineral, produção ou operação de mina, é a disponibilidade de dados precisos de vários sistemas combinados com análises em tempo real. Desse modo, além de fornecer insights para a tomada de decisões, as ferramentas de “business intelligence” podem fornecer soluções preditivas em torno das decisões estratégicas e relatar métricas e KPIs nos diversos setores. E tudo isso apenas com mudanças na aplicabilidade de ferramentas já existentes, sem necessidade de aumento de custos e dependência de fornecedores externos.

E isso é só a ponta do iceberg. Uma vez que, as ferramentas modernas de coleta de dados incluem aplicativos em smartphones, iPads e drones que coletam imagens de alta resolução com LiDAR e/ou fotogrametria.

Em última análise, essas novas ferramentas precisam ser incorporadas aos currículos de graduação e cursos técnicos em geociências, de modo a atender a crescente demanda do mercado de mineração por melhorias contínuas do seu processo produtivo.

Fonte: Brasil Mineral
Data: 06/06/2022

Vale mira ‘mineração do futuro’ com transição energética

A mineradora está focada no que chamou de “mineração do futuro”, que será alcançada por meio da transição energética.

Ao mesmo tempo em que encerra seu planejamento para os anos de 2023 a 2027, o conselho de administração da empresa está dialogando sobre o futuro da Vale nos próximos 20 anos.

O presidente da companhia, Eduardo Bartolomeo, destacou em entrevista recente ao Valor que a empresa está mudando de estratégia.

Segundo ele, a tendência da Vale é voltar a crescer. No entanto, em vez de se valer de grandes aquisições, como fez no passado, a empresa quer usar a seu favor as vantagens comparativas que tem na produção de minério de ferro, níquel, cobre e outros metais.

Assim, a Vale planeja se posicionar de forma competitiva na transição energética. Contudo, apesar de considerar que a Vale está preparada para a “mineração do futuro”, Bartolomeo pondera que há desafios envolvidos. Como exemplo ele citou a menor eficiência operacional frente aos concorrentes da Austrália.

Fonte: Minera Brasil

Data: 02/06/2022

**MINING
[DOT]COM**

Bolivia still evaluating six firms for lithium mining partnerships

Bolivia has narrowed to six from eight the list of competing foreign firms vying to tap its vast lithium resources, energy minister Franklin Molina said on Tuesday, part of the country’s most ambitious effort yet to extract the metal.

Bolivia has the world’s largest resources of lithium, the ultra-light metal key to making batteries for electric vehicles, but has struggled for decades to mine them commercially.

Under left-wing President Luis Arce, Bolivia has sought to partner with foreign firms to jumpstart its mining capacity. Last year, he announced a shortlist of eight companies from the United States, China, Russia and Argentina that, if chosen, would extract the metal using an untested technology known as direct lithium extraction.

In a press conference, Molina did not specify which two companies had been disqualified. He said final results are expected to be announced on June 15, itself a delay on an initial May deadline for the announcement.

Bolivia still faces an uphill battle to exploit its lithium, including legal obstacles and a patchy track record for multinational firms operating in the Andean nation.

Under Bolivian law, only state-owned lithium firm Yacimientos de Litio Bolivianos (YLB) is allowed to extract the metal. The government has yet to announce how they would square that restriction with partnering with foreign firms.

Bolivia has also fallen behind neighbors Argentina and Chile, which have built substantial lithium operations at a time when prices are skyrocketing. Chile is the world's No. 2 lithium producer and Argentina has a promising pipeline of projects already in the worlds.

The initial list of finalists in Bolivia includes U.S. startups Lilac Solutions – backed by German carmaker BMW and Bill Gates' Breakthrough Energy Ventures – and EnergyX, as well as China's giant battery maker CATL.

The other companies are Argentina's Tecpetrol, Russia's Uranium One and Chinese ventures Fusion Enertech, TBEA Co Ltd and CITIC Guoan Group Co.

Fonte: Mining.com

Data: 07/06/2022

MINING
[DOT] COM

US seeks \$4.3 billion for uranium to wean off Russia supply

The Biden administration is pushing lawmakers to support a \$4.3 billion plan to buy enriched uranium directly from domestic producers to wean the US off Russian imports of the nuclear-reactor fuel, according to a person familiar with the matter. Shares of uranium companies surged.

Energy Department officials have met with key congressional staff, where they said such funding is urgently needed, said the person, who wasn't authorized to publicly discuss the information. Energy officials made the case that any interruption in the supply of enriched Russian uranium could cause operational disruptions at commercial nuclear reactors, the person said. US nuclear energy industry participants have also been briefed on the proposal, said a second person familiar with the details. The plan requires approval from Congress.

The proposal aims to spur development of more domestic enrichment and other steps needed to turn uranium into reactor fuel, the person said. It would create a government buyer directly purchasing enriched uranium, including the type used in a new breed of advanced reactors now under development.

Still, it won't be easy for the US to jump-start the domestic uranium industry. The country has only one remaining commercial enrichment facility — a New Mexico plant owned by Urenco Ltd., a British-German-Dutch consortium.

Uranium shares surge

The Global X Uranium ETF, an exchange-traded fund focused on the industry, jumped as much as 7.4% to its highest intraday price in a month on the news. Shares of uranium miners including Cameco Corp. and Energy Fuels Inc. soared along with nuclear fuel provider Centrus Energy Corp.

The talks come as the Biden administration contemplates slapping sanctions on enriched uranium imports from Russia in response to the Kremlin's invasion of Ukraine while considering prospects that Russia could also decide to halt imports. Russia accounted for 16.5% of the uranium imported into the US in 2020 and 23% of the enriched uranium needed to power US commercial nuclear reactors.

The Energy Department didn't immediately respond to a request for comment. Energy Secretary Jennifer Granholm has called the US reliance on Russian imports a "vulnerability" for national and economic security, while drawing attention to the fact that US enrichment capacity has waned in part because of competition from state-subsidized sources.

The proposal dovetails with legislation introduced earlier this year by Senator Joe Manchin, the West Virginia Democrat who serves as a key swing vote, and Senator Jim Risch, an Idaho Republican, that would authorize billions of dollars in funding to increase the country's domestic uranium enrichment capabilities. Other congressional backers of expanding US enrichment capabilities include Senator John Barrasso, a Wyoming Republican who serves as the top GOP member of the Energy and Natural Resources Committee.

Companies that could benefit from such a plan include Centrus Energy, the Bethesda, Maryland-based firm that is building an enrichment facility in Ohio, and ConverDyn, a joint venture between Honeywell International Inc. and General Atomics that provides uranium conversion services.

Fonte: Mining.com

Data: 07/06/2022

British Columbia reaches agreement with Tahltan on mine approvals

The Tahltan Central Government and the Province of British Columbia (BC) in Canada have signed a consent-based decision-making agreement regarding mining permits.

Signed under the Declaration on the Rights of Indigenous Peoples Act (Declaration Act), the agreement has been reached to honour the jurisdiction of Tahltan in land-management decisions in Tahltan Territory.

The first mining project to secure permits from an indigenous government will be the Eskay Creek revitalisation project.

This would advance reconciliation with the Tahltan Nation in addition to providing predictability and clarity for the revitalisation of the Skeena Resources-owned past-producing Eskay Creek gold-silver project in Tahltan Territory.

Tahltan Central Government president Chad Norman Day said: “Today marks an exciting step forward in the evolution of the relationship between the Tahltan Nation and the Province of British Columbia.

“The Tahltan Central Government has been clear on behalf of all Tahltan people that there will be no world-class mining jurisdiction in Tahltan Territory without robust Tahltan stewardship, which must include world-class wildlife and fisheries management, strong environmental mitigation measures and recognition of our 1910 Declaration.”

The two governments also intend to change the traditional approach to environmental assessment permit authorisations by British Columbia by placing the values and rights of Tahltan at the forefront.

BC Premier John Horgan said: “This historic step shifts BC’s legal decision-making framework to respect First Nations jurisdiction, recognise the inherent rights of the Tahltan and provide a clear, stable and sustainable path for everyone to work together.”

Under a shared intent, the governments also aim to build a sustainable mining model, as well as ‘world-class’ environmental practices.

Skeena external affairs and sustainability senior vice-president Justin Himmelright said: “As an already developed mine site with existing road access, waste management facilities, nearby access to green power, and robust economics, gaining consent from the Tahltan Nation on whose unceded land Eskay Creek is located, is a crucial step in an efficient approval process for the project.

"It also provides certainty of the Tahltan Nation's legal authorisation to revitalise Eskay Creek. We look forward to working with our Tahltan partners and the governments of British Columbia and Canada to bring this iconic project back into production."

Skeena plans to restart operations at the Eskay Creek Mine as an open-pit gold-silver mine.

Located 83km north-west of Stewart and 125km south of Iskut within the traditional territory of the Tahltan nation, the project was in operation between 1994 to 2008.

Fonte: Mining Technology

Data: 07/06/2022

Minjng Journal

Advancing Copper and Gold Projects in an Under-Explored Porphyry District

The South Gobi is one of the fastest developing mining regions in the world, in part due to its proximity to China, the world's largest consumer of commodities. Limited exploration has already yielded multiple gold, copper and molybdenum deposits with an estimated mineral endowment of over 85Moz of gold and greater than 43Mt of copper.

Kincora Copper was the first company to conduct modern, district scale, systematic exploration across the Southern Gobi copper belt. It has been exploring in Mongolia for over ten years and has retained one of the largest land packages in the Southern Gobi. This includes two, and potentially a third, large copper and gold intrusive systems, the latter only being discovered during last year's fieldwork.

In 2021, Kincora (after spending some A\$13 million on Mongolian exploration) decided to refocus its efforts on porphyry projects in Australia's Macquarie Arc belt. Resilience Mining is the beneficiary of Kincora's relocation, securing what Kincora told its own shareholders is a "very attractive portfolio" with targets "as good as you get within a global setting".

Under Resilience Mining's deal with Kincora it will acquire an 80% interest in Kincora's licences. It will also take over Kincora's on-site White Pearl exploration camp, its existing geological and administration teams in Mongolia and an office in Ulaanbaatar. In addition, Resilience Mining will have exclusive access to Kincora's large and proprietary datasets of gold and copper opportunities in Mongolia, and this (combined with Resilience Mining's own database that includes more than 160 mineral projects) places Resilience Mining in a strong position to acquire promising new exploration licences.

Kincora will retain an interest in these assets through a 9.9% equity in Resilience Mining, a seat on its Board and a retained 20% interest in the transferred licences, together with an option to take a 20% funded interest in any other projects generated in Mongolia by Resilience Mining. The retained equity in the three transferred licences will be free carried until a successful PFS at Bronze Fox or a Scoping Study at Tourmaline Hills. Thereafter an 80:20 JV will be formed on a fund or dilute basis.

Resilience Mining's exploration and development strategy is focussed on targets that are at, or near, the surface, with some "quick wins" able to be progressed into near term production. One of these successes has been the recent delivery of a maiden JORC resource at the West Kasulu prospect, which is part of the Bronze Fox project. The inferred resource consists of 194Mt containing 504,000t copper-equivalent (CuEq) at a 0.20% CuEq cut-off. The deeper porphyry (below 325m) at this prospect is thought to contain an exploration target of 100-300Mt grading 0.25-0.35% CuEq.

Resilience Mining is now in the throes of completing its pre-IPO financing and is in advanced preparations for a listing on the ASX. Associated funding of at least A\$5 million is planned to finance the company's significant drilling programme to increase the size of, and confidence in, already defined near-surface large mineral systems.

Post Listing

Resilience Mining has three main objectives post listing:

1. Bring into near-term production the company's at/near-surface Cu and Au deposits, initially focusing on the advanced Cu oxide project at the West Kasulu JORC Resource.
2. Drill the portfolio of potential shallow Cu/Au porphyries, including expanding the existing West Kasulu JORC Resource.
3. Joint venture with a major to explore potentially significant deeper porphyries.



Developing the fully and partially oxidised copper inferred resource that is situated within 100m of the surface at West Kasulu will be Resilience Mining's first objective after the IPO, with production possible as early as 2024. Desktop analysis has already commenced for a potential near term, near surface copper oxide heap leaching project, situated on the existing mining licence. Metallurgical test work by Kincora indicated 70% soluble Cu in the oxides, and Resilience Mining intends to augment this project with its own management's SX/EW experience.

A second objective is to grow the West Kasulu JORC inferred resource, mainly above 325m, and to explore for other shallow porphyry targets, particularly those at Dunlop Fox on the Bronze Fox mining licence, and West Kasulu Extension and the more recent discovery at Shuteen North, both on the Tourmaline Hills exploration licence.

Resilience Mining is also seeking a major partner to assist in exploring the deeper porphyry deposits on its acquired licences as it looks for the next world-class porphyry similar to Rio Tinto's Oyu Tolgoi deposit in the South Gobi.

Mining Licence at Bronze Fox

The Bronze Fox project is situated within a 30-year mining licence and hosts the majority of the West Kasulu porphyry deposit and its JORC resource. Kincora had also identified an additional Cu/Au prospect and four Au/Pb/Zn porphyry-related epithermal prospects on the licence.

The Shallows project at West Kasulu is 2.4km long and 1.4km wide, and is believed to be potentially similar to Xanadu's Kharmagtai open-cut project where a scoping study has recently attracted a staged investment commitment of A\$58 million from Zijin Mining.

Drilling at West Kasulu already includes an intersection of 929m at 0.37% CuEq from 343m (hole F62), and 10m at 0.80% CuEq from 528m (hole F107). Drilling planned for 2022/23 includes 1,900m to grow the resource above a depth of 325m.

Exploration Licence at Tourmaline Hills

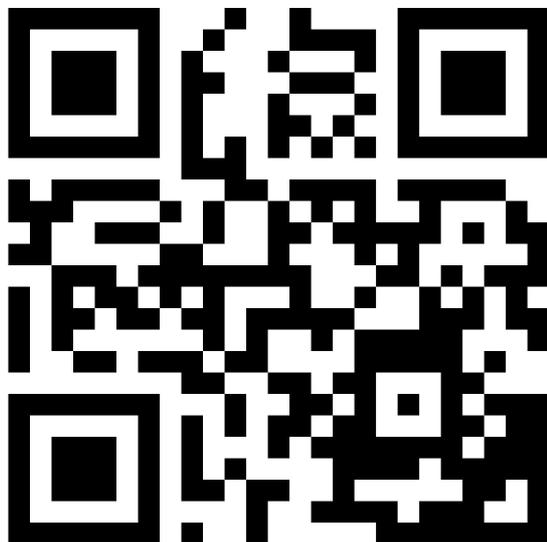
This project hosts the extension of the West Kasulu project and two other less explored but outcropping prospective Cu/Au porphyry complexes (with historic artisanal mining), and a further three identified porphyry-related Au/Pb/Zn epithermal prospects.

Kincora reported "encouragement" after work in 2021 for near surface gold at the West Fox epithermal prospect in the north-east of the tenement. This included 179 samples of over 1 g/t Au (with grades of up to 126 g/t), plus silver, copper and lead. Rock chip samples included 14% grading over 1 g/t Au, and 2% grading over 10 g/t Au.

Fonte: Mining Journal

Data: 26/05/2022

Nossos Contatos



contato@adimb.org.br



(61) 3326-0759



//company/agencia-para-o-desenv-do-setor-mineral-brasileiro/



adimb_oficial

Sede

Centro Empresarial Liberty

Mall Torre A, Sala 505

SCN Q.02 Bloco D

CEP : 70712903

Brasília/DF



ADIMB

Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro